

A ESCRITA DE SI: QUESTÕES DE GÊNERO E IDENTIDADE EM A COR DA TERNURA

Rafaela Dayne Ribeiro Lucena¹
Dra. Sueli Meira Liebig²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo abordar as questões de raça, gênero e classe presentes na obra *A Cor da Ternura* (1991) da escritora afro-brasileira Geni Guimarães. Ao refletir sobre tais questões buscaremos mostrar a construção da identidade da personagem Geni, uma menina negra e pobre que sonha em concluir os estudos para se tornar professora e mudar o rumo de sua vida e de sua família, uma vez que o arquétipo da cor da pele sempre foi um fator determinante na vida da mulher negra, toda sua inferioridade advém da negrura a sua pele, da sua condição como mulher negra e do seu presumível baixo status social. É esse negro que determina o que ela pode ou não fazer. Sendo assim, analisaremos o processo de crescimento e autoafirmação da protagonista Geni. Tomaremos como aportes teóricos os postulados de AKOTIRENE (2019), SPIVAK (2010), ANZALDÚA (2000), dentre outros que enfatizam em seus estudos a temática da construção da identidade da mulher de cor.

Palavras-chave: Interseccionalidade, Mulher negra, Autoafirmação, A Cor da Ternura.

¹ Mestranda do Programa de Pós – Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, rafaela-dayne-bb@hotmail.com;

² Orientadora, Doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, suelibig@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A escrita de si tem se tornado uma ferramenta poderosa para as escritoras negras, escreverem sobre suas vivências e memórias e poderem contar ao mundo sobre suas experiências, dores, lutas e conseqüentemente suas conquistas têm se tornado uma prática exitosa para estas mulheres. O ato de escrever sobre si está relacionado à consciência coletiva e à percepção individual que busca tomar o poder para si. Ao escrever sobre sua trajetória a mulher negra torna-se empoderada e busca reconhecer as próprias capacidades e qualidades.

Em *A Cor da Ternura*, um livro instigante, Geni Guimarães através de suas memórias tece seu cotidiano em dois momentos básicos: a infância e a fase adulta, uma mulher negra terminando o ginásio, cursando o normal e aspirando à vida docente, prestes a alcançar o seu sonho de ser professora e provar que a mulher de cor não nasceu predestinada apenas para o trabalho duro, a lavoura como querem seus opressores, principalmente, o homem branco.

Ao refletir sobre a sua história em *A Cor da Ternura*, um livro autobiográfico, a autora questiona e reivindica o espaço dialógico de interação do sujeito subalterno, representado na obra por Geni, uma criança que não aceita essa condição de subalternidade e constrói um discurso de resistência durante toda a narrativa. Sobre o termo subalterno, Gayatri Spivak (2010, p.13) argumenta: “descreve as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da posição política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”.

Mas Geni, mesmo sendo apenas uma criança, demonstra sua insatisfação e incômodo diante da imposição e do tratamento diferenciado com relação aos seus colegas da escola que são brancos. A protagonista demonstra estar cansada de fazer de conta que não escuta as ofensas que são a ela proferidas como o termo “negrinha” impondo-lhe uma condição de submissão a supremacia branca. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar e refletir sobre as questões de cor, gênero e raça presentes em *A Cor da Ternura*.

1. ESCRITA DE SI

Memórias são relatos, a partir de acontecimentos históricos dos quais alguém participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular. É a relação entre eventos responsáveis por trazer ao presente fatos acontecidos em tempos distintos, como é o caso da obra *A Cor da Ternura*, em que a autora rememora fatos ocorridos desde a sua

infância simples na fazenda onde seus pais viviam e trabalhavam até a juventude quando consegue concluir o magistério tornando-se professora. Sobre a escrita de si Márcio Seligmann Silva afirma que:

A leitura estética do passado é necessária, pois opõe-se à “musealização” do ocorrido: ela está vinculada a uma modalidade da memória que quer manter o passado ativo no presente. Ao invés da tradicional representação, o seu registro é do índice: ela quer *apresentar, expor* o passado, seus fragmentos, ruínas e cicatrizes (SILVA, 2003, p. 57).

Neste sentido, o desejo de escrever sobre o passado muitas vezes leva o escritor/memorialista, a escrever sobre o presente ainda que de modo imperceptível, através das cicatrizes que resistem ao longo do tempo como marca última do testemunho de quem escreve suas memórias. É o que podemos constatar em *A Cor da Ternura*, que nos apresenta uma temática atual que reflete sobre questões de raça, gênero e classe, todas de cunho social e que marcaram para sempre a vida e a memória de Geni. Sobre a literatura de testemunho Silva aponta que:

A arte da memória, assim como a literatura de testemunho, é uma arte da leitura de cicatrizes (Georges Perec, aliás, narra na sua obra autobiográfica a importância que ele atribuía a uma cicatriz no seu lábio superior, uma marca de “uma importância capital” que ele nunca tentou dissimular) [...] (SILVA, 2003, p. 56).

Mesmo quando essas cicatrizes não se constituem como marcas corporais, visíveis aos nossos olhos como é o exemplo da citação de Márcio Seligmann Silva, as cicatrizes que ficaram marcadas nas lembranças de quem escreve sobre suas memórias contribuem para o resgate e a descrição de suas vivências passadas, e essa é uma prática recorrente na escrita das mulheres de cor. Elas recorrem a escrita, especialmente a escrita de si para denunciar a condição subalterna a qual geralmente são submetidas, mas também para reivindicar a fala e a visibilidade que lhes são roubadas deste tenra idade.

2. “ESCREVIVÊNCIAS” SOBRE COR, GÊNERO E IDENTIDADE

Ser pobre e negra trouxe para Geni muitos conflitos interiores. Na fase adulta, continuou enfrentando barreiras impostas pela sua cor. Em *A Cor da Ternura*, ela constrói uma narrativa de resistência onde a protagonista passa por um estado de maturidade desde o início com a chegada do seu irmão mais novo até a fase adulta ao conseguir cursar o magistério. De acordo com Carla Akotirene (2019 p. 11) “pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual. Logo, é pensar projetos, novos marcos civilizatórios,

para que pensemos um novo modelo de sociedade”. Sendo assim, a construção da identidade feminina negra da personagem ocorre a partir de uma perspectiva relacionada com a contestação dos valores vigentes como uma forma de não deixar que a voz da afrodescendência seja silenciada.

Geni começou a compreender que as relações sociais se estabeleciam de forma diferenciada para com ela e sua família quando começou a frequentar a escola por volta dos sete anos de idade, lá e durante o percurso de casa até a escola a menina sempre escutava insultos sobre a sua cor de pele, como a expressão “negrinha”, que lhe são direcionados por Flávio, seu colega de escola, um menino branco e filho do dono da fazenda onde Geni e sua família moram.

Mas, essa dialética da opressão começou a incomodá-la, mesmo que sua mãe pedisse que ela não revidasse e fizesse de conta que não estava escutando e mesmo sendo apenas uma criança ela já demonstrava que não estava disposta a passar o resto de sua vida ocupando um lugar de subalternidade em relação ao outro, principalmente o homem branco, vejamos:

“ – E se no caminho o Flávio me xingar de negrinha? – Não quero saber de encrenca pelo amor de Deus! Você pega e faz de conta que não escutou nada. Calei-me! Quem era eu para dizer-lhe que já estava cansada de fazer de conta?” (GUIMARÃES, 1991, p. 47).

A partir da fala da personagem percebemos como a discriminação racial tem o poder de tornar o negro invisível onde quer que ele vá, condena-o a viver na obscuridade, a pertencer ao campo do esquecimento, tira-lhe tudo a fala principalmente, sendo assim, a cor branca sempre foi apresenta para os negros como sendo a cor de tudo que é bom e bonito, a cor dos que sempre serão respeitados e elogiados pelos outros. Vejamos o pensamento de Gislene Santos sobre o poder que o racismo tem.

E a maior força do racismo é a de fazer com que todos sejam submissos à forma de ser e de pensar racista, que todos desejemos ser um, que todos desejemos ser branco. A brancura aqui entendida não somente como “cor” de pele, mas como símbolo hegemônico da cultura, da beleza, da razão, da felicidade, do ser (SANTOS, 2002, p. 33-34).

Sendo assim, sabemos que a mulher negra ocupa uma posição social ainda mais inferiorizada do que o homem negro, pois ela sofre preconceito racial e de gênero. A maioria não teve acesso ao desenvolvimento da escrita e da leitura, por isso também foi excluída socialmente. Dessa forma, o letramento pode ser uma poderosa ferramenta de interação social para essas mulheres, além de lhes devolver o direito à fala, ainda que por vezes de forma precária, promovendo a sua inclusão social. Sendo assim, o letramento se torna um dos

principais responsáveis pela ascensão social da mulher negra, capaz de transformá-la em sujeito dialógico e tirá-la da condição de invisibilidade social. Neste caso a mulher negra deixa a condição de objeto a sujeito, deixa de ser vítima de uma sociedade que não legitima seus valores, mas tenta de todas as formas “embranquecer” esta mulher como uma forma de negar a sua raça e a sua identidade.

Dessa forma, sabendo do poder que o estudo teria para mudar o seu destino Geni começou a sonhar com o diploma, desejava ser professora, não queria trabalhar na lavoura como fazia toda sua família. Além disso, tinha o anseio de ver o pai orgulhoso ao realizar o sonho de ter uma filha instruída. Geni se mostrou persistente nessa jornada, convicta de que sua capacidade de entendimento não a deixará absorver o discurso dominante de que lugar de negro não é no trabalho duro como afirmava o administrador da fazenda onde eles moravam: “ – Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...” (GUIMARÃES, 1991, p. 73). O pai dela foi uma figura muito importante durante o seu processo acadêmico no magistério cursando o Normal, suas palavras a encorajavam a continuar: “- Tem que ser assim, filha. Se nós mesmos não nos ajudarmos os outros é que não vão.” (GUIMARÃES, 1991, p. 72)

Vivendo muitas vezes em uma sociedade patriarcal, onde ser mulher não significava muita coisa, ainda mais em se tratando de uma mulher negra, era necessário, em algumas ocasiões mostrar-se como um ser nocivo e até incapaz de se rebelar contra aquela situação de submissão. A negra, na maioria das vezes, foi exilada nas profundezas além dos limites da sociedade e da humanidade e, por isso, acabava desejando até mesmo incorporar o discurso do branco, percebendo esse discurso como o único aceitável até então. Desejava pertencer a algum grupo social e sair daquela condição de inferiorizada, mesmo que esse discurso fosse estruturado sob a ótica do preconceito, em alguns momentos chegando a ferir os direitos humanos, mas, diante da condição desumana à qual estavam entregues sua sorte e seu destino, adotar o discurso do opressor parecia-lhe uma solução para aquela situação.

Sendo assim, ainda criança Geni sem compreender muito bem os insultos que ouvia sobre ela e desejando sair da condição de inferiorizada, por vezes questionava sua mãe sobre a cor de sua pele. Em uma das passagens do capítulo intitulado Primeiras Lembranças, a protagonista questiona se com a água que cai da chuva seria possível sair o negro dela e de sua mãe, um questionamento inocente, mas que traz consigo a busca por uma solução para o seu “problema”. Vejamos:

“ – Mãe se chover água de Deus será que sai a minha tinta? – Credo em cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer? – Pegou-me e, fazendo cócegas na barriga foi dizendo: - Você fica branca e eu preta. (GUIMARÃES, 1991, p. 10).

Tal inocência revela-nos um discurso enraizado numa sociedade racista e preconceituosa, capaz de suscitar na mente de uma criança que a cor de sua pele representa um problema para si e para o outro que preferiria não ter contato com a mesma, esse processo tenso e conflituoso de rejeição do sujeito negro é construído social e historicamente e permeia a vida dos mesmos em todos seus ciclos de desenvolvimento desde a infância e a juventude até a vida adulta. Com o passar do tempo o que muda é que o negro começa a perceber e a valorizar a beleza de sua estética negra, começa a dar ênfase à construção de sua subjetividade e tentar mudar a maneira de se ver e de tratar a sua cultura.

Além da questão de cor, a menina Geni começa a constatar que por ser mulher a vida se apresenta ainda mais difícil para ela, fazendo-a perceber que a questão de gênero lhe impõe restrições até mesmo sobre a profissão que ela pode exercer e por isso certo dia ela resolve perguntar ao pai: “- Pai, o que mulher pode estudar? – Pode ser costureira, professora... – Deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto. – Deixemos de sonho. (GUIMARÃES, 1991, p. 72).

Toda criança é sonhadora e Geni não era diferente. Seu pai sabendo disso e da realidade dura que uma família pobre e negra costumava enfrentar e mesmo sendo o seu maior alicerce e incentivador não queria criar muitas expectativas na filha, mas Geni era decidida e destemida, capaz de questionar as imposições a que a mulher de cor costumava ser submetida. No capítulo intitulado mulher, a protagonista refleti sobre a maturidade do ser mulher:

Mulher terminando o ginásio. Mulher, cursando o normal, a caminho do professorado cumprindo o prometido. Mulher se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte. Mulher, rindo para esconder o medo da sociedade, da vida, dos deslizes dos passos. Mulher, cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado. Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos. Mulher, contudo e apesar: a um passo do tesouro: o cartucho de papel. (GUIMARÃES, 1991, p. 81)

A fala da personagem representa a força da mulher, em especial a mulher negra, evidenciando-se o desejo de liberdade, de poder ocupar todos os espaços almejados, principalmente a docência. A forma como Geni escreve sobre si, sobre suas vivências está fortemente ligada a contestação dos valores vigentes que na maioria das vezes são excludentes. Para a autora escrever tornou-se um exercício emancipatório, ou seja, ela se vale do texto também como uma forma de libertar os seus ideais para a coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca de autonomia as mulheres negras conseguiram romper barreiras e através da escrita conseguiram registrar suas dores e alegrias. Em *A Cor da Ternura* a menina Geni cresce e se torna professora, mas mesmo com o diploma atestando sua capacidade para ocupar o cargo, a cor da sua pele parece ser o fator determinante se não o mais importante para medir o seu nível de competência. Vejamos:

No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, suportei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas, cochichavam e me despiam em intenções veladas. Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão para simples conferência”. (GUIMARÃES, 1991, p. 87)

O desejo e a expectativa de toda professora é ser querida por seus alunos e respeitada tanto por eles como por seus pais, mas não foi o que aconteceu inicialmente com a professora Geni: A cor de sua pele causou estranhamento entre os seus alunos, especialmente numa menininha branca que dizia ter medo de professora preta. “- Eu tenho medo de professora preta. – disse-me ela, simples e puramente. Tanto medo e doce misturados desarmaram-me. Procurei argumentos.” (GUIMARÃES, 1991, p. 87)

Através da fala tão inocente dessa aluna, percebemos que o preconceito racial está enraizado no discurso do branco desde a infância, fase que costuma representar a inocência e a pureza das pessoas, certamente a menininha branca não tinha muita clareza sobre o que lhe causava medo, uma vez que, após o episódio Geni conseguiu conquistar a sua confiança fazendo-a perder o medo de professora preta.

A cor negra foi naturalmente apresentada a essa aluna como a representação de tudo o que é ruim e feio, fazendo com que ela reproduzisse essa concepção até mesmo com a sua professora. Além disso, normalmente o ofício das mulheres negras era trabalhar como domésticas nas casas das mulheres brancas instruídas, por essa razão não era comum que os alunos tivessem contato com professoras negras.

Dessa forma, ao analisarmos a construção da identidade da personagem Geni, podemos perceber que ela se encontra inserida em mais de um eixo de opressão tendo que lidar com experiências em meio a opressões interseccionais de raça, classe e gênero. Ao longo da história narrada por Geni, concluímos que a vida da mulher negra, seja ela criança, jovem ou adulta foi e continua sendo marcada pela exclusão, discriminação e submissão, traços que influenciam

negativamente na construção da identidade dessas mulheres negras. No entanto, Geni contrariamente constrói uma narrativa de resistência, superação e realização do sujeito feminino de cor ao se tornar professora, conseguir mudar o rumo de sua vida e combater multideterminadas discriminações.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**, in: Estudos Feministas 1/2000, p. 229-235.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. Ilustrações Saritah Barbosa. 5 ed. São Paulo: FTD, 1991.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizam a inferioridade dos negros**. São Paulo/Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SILVA, Márcio Seligmann (org). **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.